

Capítulo Um

Elena

É como se deitar em uma cama de pregos. Você pensaria que cada um deles abriria feridas pela sua pele, mas a verdade é que seu peso se divide perfeitamente e não há um só ponto que doa de fato. Eu podia passar uma tarde inteira enumerando razões para criticar a minha mãe e sua forma de criação e, mesmo assim, era ela quem eu procuraria ao fim do dia. Beira o cômico, mas não deixa de ser trágico, é claro. Lá estou eu, com os joelhos curvados ao peito e a cabeça se escondendo entre eles, enquanto suas mãos vão e voltam pelas minhas costas no seu colo, como se só aquele ritmo maternal pudesse curar as últimas semanas de exaustão. Estou esgotada, com medo, vazia, absorta, perdida. Havia passado horas fazendo o mesmo que ela fazia agora, equilibrando uma Luna chorosa nos meus braços cansados, acalmando seu choro insistente com os “shh” e os “está tudo bem, eu estou aqui” que ouço agora. Por mais que tente, não consigo sair do seu abraço. É impossível deter meus impulsos vitimistas, lembrar-me que sou uma adulta, uma mãe, que não posso clamar por colo como uma criança faria. Preciso disso, desse momento, mesmo sabendo do julgamento que virá a seguir. Sempre vem.

— Está se sentindo melhor? – ela beija o topo da minha cabeça.

Preciso lavar o cabelo. Não tomo um banho longo há quase uma semana.

— Não sei. – soluço de novo – Ainda dói muito.

— Ah, Elena... – ela me aperta em seus braços – Queria te prometer que vai parar de doer, um dia. Mas acho que a gente só se acostuma com isso. Com a angústia.

Angústia. Não sei dizer se isso é, de fato, angústia. Até seis meses atrás, eu achava que já tinha sentido tudo. Medo, angústia, alegria, tristeza, prazer, felicidade... Mas e o que eu sinto agora? Esse amor imenso que, muitas vezes, parece obsessão. Essa vontade irrefreável de cuidar de Luna a todo momento, que também cobre o cansaço físico o quanto aguenta. Como ela está? Onde ela está? Será que estou fazendo o suficiente? Se ela pudesse falar, estaria orgulhosa de mim ou me acusaria como venho acusando minha mãe há anos na terapia? Será que estou me tornando a minha mãe? E, se sim, não é esse o destino de todas as filhas?

— Não é de todo ruim, sabe? A dor vai diminuindo, diminuindo, até ficar bem pequeninha. E o outro lado vai falando mais alto com o tempo. Quando você vê, você já não é mais aquela Elena que costumava ser, mas uma que está nascendo agora.

Lembro-me de ler isso nos livros de maternidade que me obriguei a comprar para ler apenas as primeiras páginas e desistir depois – quem é que precisa de livros para ensinar uma coisa tão natural? Eles diziam que quando uma criança nasce, uma mãe nasce também. Como um bebê, estou aqui, aprendendo sobre esse mundo, dando meus primeiros passos, receosa e cheia de dúvidas. É incrível e, ao mesmo tempo, tenebroso. Não quero deixar a Elena de antes para trás. Não quero enfiar meus sonhos em uma gaveta esquecida no armário, abandonar meus hobbies, deixar de caminhar toda manhã. Eu amo a minha filha, é claro, mas isso não significa que eu deva me deixar de lado. Ou significa? É isso que as outras mães vêm fazendo esse tempo todo?

— Eu ainda sou a Elena Filha. – tento defender, já livre do choro de antes – E a Elena Mulher também. Não quero ser cem por cento do tempo a Elena Mãe.

Minha mãe ri. Eu saio de seu colo para observá-la melhor. Ela está de pernas cruzadas e meias brancas, seu cabelo longo cheio de frizz e ondas amassadas. Pequenas manchas de água se acumulam em seu moletom branco, onde eu estava chorando. Ela parece uma adolescente. Uma Cecília que eu nunca consegui ver antes, não é a Cecília Filha nem a Cecília Mulher, mas outra Cecília que se perde entre as duas. Uma Cecília que existe muito antes de mim. Como eu nunca notei que minha mãe era alguém antes de eu existir? Quando foi que decidi que não a veria de nenhuma outra forma além desta: a mãe da Elena? A minha mãe?

— Você pode ser qualquer Elena que quiser. – ela levanta os ombros – Você virou mãe, filha. E eu sei que isso pode ser a maior coisa do mundo, mas também pode não ser nada. – ela continua e minha testa se contrai em um vinco entre as sobrancelhas – O que quero dizer, é que você está pensando muito sobre isso. Nenhuma Elena precisa morrer para que outra Elena nasça. Eu, por exemplo, quero todas as Elenas aqui, pertinho de mim.

Sinto um jato gelado tomando meu peito. Meu coração bate mais rápido e meu estômago revira. A ansiedade não é nada mais do que a expectativa do que vem a seguir, uma lembrança que faz meu corpo se preparar para o impacto. Estamos sempre bem, conversando calmamente, à paz de uma pena que cai lenta até o chão, sem a preocupação constante do tempo. Então, alguma coisa muda, e a casa se transforma em berros e ofensas imperdoáveis. É uma coreografia que conheço melhor do que gostaria, que sempre se repete nos momentos mais improváveis. Mas,

desta vez, nós não dançamos a mesma música. Não há gritos nem palavras hostis, apenas os olhares compreensivos que sustentamos uma na direção da outra. Duas mães.

É ela quem quebra o contato, levantando-se sem pressa e calçando os tênis recém lavados, quase brilhantes. Nós nos parecemos tanto. Das sobrancelhas grossas aos longos cabelos achocolatados, os mesmos rostos em formato de coração e as bochechas salpicadas de sardas quase invisíveis. Ela carrega as rugas que ainda não ganhei, enquanto eu ostento as bolsas inchadas nos olhos que ela já perdeu.

— Estou indo. – ela coloca a bolsa de academia no ombro – Vamos fazer um treino ao ar livre hoje.

Ela não diz isso com empolgação, mas com um semblante debochado. Desde a aposentadoria, meu pai arrumou treinos diários com um pessoal da academia. Como ele também acha que aquilo beira à tortura, resolveu fazer dessa rotina um programa de casal. Ver meu pai se cuidando era uma coisa rara, então, minha mãe só concordou com a decisão e aproveitou a pequena vitória.

— Bom treino. – digo quando nos aproximamos da porta de madeira.

— Descanse, está bem? – ela segura meu rosto entre suas mãos e beija minha testa.

Não sei quando o momento vai se repetir, mas me apego a esse segundo terno que tem me feito tanta falta ultimamente. Então, ela ergue as sobrancelhas e leva a mão à testa.

— Ah, já ia me esquecendo! – minha mãe balança a cabeça para trás – A casa ficou pronta. Na praia. – esclarece – Vamos passar um mês lá, por que vocês não vêm com a gente?

— No meio de abril? – pergunto confusa.

Seus olhos se exprimem desconfiados, vincando o meio da testa antes de falar.

— Elena. – ela ri – Não é como se você estivesse trabalhando. E se Mateus tirou este ano para trabalhar de casa, é uma ótima ideia. Quem sabe não é a maresia que vai acalmar os ânimos? Os de Luna e os seus?

Não quero que as pessoas pensem que sou uma garota mimada que resolveu brincar de casinha. Não escolhi deixar de trabalhar e não gosto do jeito como ela fala, como se eu estivesse tirando férias, enquanto sinto que estou trabalhando mais do que nunca. Por outro lado, é tentador acordar à beira-mar, colocar Luna para sentir a areia, para que ela não ache que o mundo são prédios de vinte andares colados uns nos outros. Existe vida e eu não reclamaria de vivê-la.

— E passar um mês ao seu lado? – zombo – Só se eu tivesse perdido o juízo.

Ela revira os olhos e mostra a língua, como uma criança.

— Só pense no assunto. — minha mãe pede antes de se despedir outra vez.

Fico um tempo encarando as manchas na madeira, tentando formar figuras com elas enquanto reflito sobre pregos e camas.

Ouçó um passarinho cantando do outro lado da janela, ele está batendo suas asas perto da sacada do vizinho, bebericando água no bebedouro de plástico que alguém colocou ali. Seu canto baixo se perde em meio aos carros que passam na rua. Ainda é cedo demais para ver o sol, mas o céu já começou a mudar de cor, está entre o roxo noturno e o azul do dia, uma cor melancólica que cumprimenta meus olhos insones. Acima da minha cabeça, ouço passos se preparando para esta manhã e há o som do portão se abrindo lá embaixo também. São cinco e quarenta e sete, Luna está enrolada em meus braços, começando a acalmar o choro que iniciou há mais de cinco minutos. Ela acordou seis vezes esta noite e eu devo ter dormido por não mais de duas horas, picotadas em minutos curtos demais. Estamos na sala, sentadas na rede de linho, esperando Mateus acordar. Ele levantou duas vezes de madrugada, quando meu colo não foi suficiente para cessar os berros da nossa filha. Sei que ele não faz de propósito, Mateus nunca foi o tipo de pessoa que acorda com facilidade, mas parte de mim quer jogar o vaso que fizemos na nossa primeira aula de cerâmica em sua direção quando ele levantar.

Nós éramos tão diferentes. Alguns meses atrás, acordar antes das seis da manhã seria comemorado como nossa conquista do dia. Nós nos vestiríamos antes que o sol desse as caras e sairíamos para correr sem nos dar tempo para mudar de ideia. Agora passo as madrugadas em claro e ele fica com Luna até o almoço para que eu possa dormir. Seus olhos se fecham quase instantaneamente quando ele a coloca no berço improvisado do escritório e ela não desperta por nada. Não consigo deixar de invejar sua rotina com ela.

— É um novo recorde. — ele celebra entrando na sala de pijama — Acordei antes das cinco e cinquenta e um. Meu último recorde. — beija nossas cabeças — Ela deu trabalho essa noite?

Sinto meu estômago borbulhar. Ele só se lembra daquelas duas vezes que ela acordou, o que eu não teria considerado trabalhoso. Balanço a cabeça em afirmação.

No café da manhã, ele recorda do convite que minha mãe me fez ontem. Mateus aproveitaria qualquer chance para turistar em algum lugar por aí, seja praia ou montanha. Mas ainda não estou convencida. Chorar no colo da minha mãe sem julgamentos não é o mesmo que

passar um mês debaixo do mesmo teto sem que algumas almofadas voem pela sala. É muito fácil ser amiga da sua mãe quando você só a vê uma vez por semana.

— Por favor. — seus cachos saltitam na cabeça — Pensa na felicidade de acordar com o som das ondas quebrando no seu quintal. — seus olhos se fecham pacificamente, como se estivesse se deliciando com a imagem que acabou de construir.

Eu me lembro bem. A casa de praia está na família desde antes de o meu pai nascer. Assim como ele passou sua infância visitando aquela praia, eu cresci me banhando naquele mar. Mas agora era diferente, depois das reformas, ela nem mais parecia a mesma casa que eu aprendi a amar. Ainda assim, eu não podia reclamar disso com ele, afinal, Mateus era o arquiteto responsável pela obra.

— Acho que você está mesmo determinado a acompanhar a Terceira Guerra Mundial de perto. — passo a manteiga no pão quente — Já esqueceu de como era horrível?

Ele não deveria ter esquecido. Como os casais caretas, nós só começamos a morar juntos depois do casamento. Dos dez anos de relacionamento, sete se passaram enquanto eu ainda dividia o teto com meus pais. Ainda me lembro das discussões quase diárias com a minha mãe, pano de fundo para muitos domingos que Mateus passou no nosso jardim.

— Vocês mudaram agora. Você é mãe. E ela é avó.

Odeio isso. Odeio como, ultimamente, quase todo mundo faz questão de escolher “mãe” como adjetivo acima de qualquer outro, como se isso invalidasse todo o restante. Ele poderia apenas ter dito que eu amadureci, mas optou por me ver da forma que eu ainda não tinha me acostumado a ser vista.

— Isso não significa nada. — soo mais defensiva do que pretendia — Quando ela era a mãe e Virgínia era a avó, nenhuma das duas parecia capaz de frequentar o mesmo ambiente.

— Porque sua avó era doida. — Mateus argumenta — E não adianta dizer que Cecília também é. Sua avó me ofereceu gin quando estava no hospital.

— Era um problema de saúde. Mas, sim, ela também era meio doida.

Alcoólatra na verdade. E não é como se ela gozasse das suas faculdades mentais. Com certeza estava muito ocupada gozando de outras coisas.

Mateus abre um sorriso para mim. Ele está mais forte desde que começou a treinar na academia do prédio, com os braços saltando da camiseta. É alto e grande, não se parece com o

homem mirrado que eu conheci quando estava fugindo tantos anos atrás. Sinto falta daquele homem, mas também sinto falta da mulher que era naquela época.

— Nós podemos ficar com o quarto no térreo. – ele propõe – Isso já diminuiria a frequência dos esbarrões que vocês dariam.

Sei que ele está brincando, até porque ri depois, mas não deixa de ser um pouco triste. Não queria que fosse uma verdade quando estamos falando da minha relação com a minha mãe.

— Por favor, mamãe. – Mateus diz em uma voz infantil, escondendo-se atrás de Luna como se fosse ela que estivesse dizendo aquelas palavras. Não consigo segurar a risada abafada que sai dos meus lábios.

— Mateus. – repreendo.

— Vamos. – meu marido insiste – Por favooooooooor. – entoa como um hino.

Sem forças para outra guerra, eu concedo. Vamos à praia.